

Campos vê melhorias na atividade e diz que meta de inflação 'não foi abandonada'

25 DE JUNHO DE 2020

Segundo ou presidente do BC, a política monetária segue estimulando a economia e há mais chances de o PIB ter uma probabilidade menor do que o previsto

O presidente do Banco Central (BC), Roberto Campos Neto, reformou nesta quinta-feira que a política monetária está estimulando a economia. Segundo, uma retração do PIB neste ano pode ser menor do que as projeções sugeridas.

"A mensagem que as pessoas procuram é entender que a política monetária está sendo estimulada", disse em entrevista coletiva para comentar o Relatório de Inflação Trimestral (RTI).

Segundo, ao contrário da reunião de maio do Comitê de Política Monetária (Copom), atualmente o BC tem mais otimismo para a atividade econômica. Ele afirmou que o distanciamento social e as medidas de estímulo à economia atuam nos sentidos da economia. Como medidas adotadas pelo governo, por exemplo, têm dado impulso à atividade.

Campos Neto disse considerar bastante pessimista e **projetar cerca de 9,1% no PIB brasileiro feito pelo Fundo Monetário Internacional (FMI)** e reiterar a mensagem de que o BC considera chances maiores de PIB ser menos pior do que **6 vezes, 4% anunciado hoje pela autoridade monetária** .

“Pessoas consideram dados de consumo de energia, tráfego, confiança, pessoas que começam a melhorar. Entendemos que estamos numa curva de melhoria ”

O presidente do BC também reformou a autoridade monetária que segue a meta de inflação e "Copom segue a revisão de cenário econômico e de expectativas de economia para o horizonte relevante da política monetária".

Na avaliação de Campos Neto, ainda há espaço para usar a política monetária por meio de taxa básica de juros. Caso ou BC considere que não pode usar mais a Selic, diz, avalie quais são os outros instrumentos disponíveis para levar à inflação para uma meta.

"Temos instrumentos e olhamos esses instrumentos em ordem de prioridade. Acreditamos que a política monetária ainda tem espaço. Ainda há um intervalo (intervalo) em que acreditamos que o que faz vai causar efeito", disse em entrevista coletiva. "Não abandonamos 2021. A partir do momento em que achamos que não temos espaço, não abandonaremos uma meta, vamos procurar outras opções."

Campos também detalham como discussões sobre respeito ao Comitê de Política Monetária (Copom) ou chamada "limite inferior", um limite potencial para os valores básicos de juros. "Vários fatores foram usados. Falamos muito sobre as condições financeiras. Será que um juro que, a partir de um limite, gera as condições financeiras contrárias ao que eu penso?",

Afirmou. "Outro ângulo que visualiza é prudencial, com um intervalo de tempo que vai cair e muda de forma como o sistema financeiro trabalha, se capta em um instrumento, se capta em outro."

Outro aspecto discutido foi "quais são os componentes do canal político monetário". "Entendemos que estamos em uma situação em que os bancos levam em conta mais a liquidez ou o custo do fundo", disse, destacando que o colegiado também não aborda nenhum debate "reformas e outros equilíbrios".

O presidente do BC reforçou a mensagem sobre a necessidade de garantir um horizonte de solidez fiscal no longo prazo. "O fiscal é sim muito importante. Não acredito e o mercado não está reagindo como se o país estivesse em dominância fiscal. Entendemos que se a convergência fiscal ficar desestabilizada, teremos um juro neutro diferente de hoje", disse.

Ele fez uma avaliação positiva sobre o comportamento do crédito no Brasil nesse período de crise, apesar de ser um dos pontos que vinha sendo mais criticado pelo setor privado. Segundo, como medidas do governo não são efetivas no sentido de aumentar a oferta de recursos para empresas e evitar a insuficiência decorre de um aumento de demanda muito forte, principalmente nas pequenas e médias empresas. "Entendemos que esse canal terá crescimento", disse. O BC hoje revisou para uma expectativa de alta de 10% no crédito para pessoa jurídica.

Campos Neto também comentou que a desvalorização cambial não está causando problemas, diante de uma menor exposição das empresas ao dólar.

A volatilidade do câmbio no Brasil subiu nas últimas semanas, o que afetou a economia real, afirmou. Ele reformula, no entanto, que a autoridade

monetária continua considerando o câmbio deve flutuar.


"Acreditamos que o câmbio é flutuante", disse. "Nenhum escopo de câmbio flutuante, diz sempre que a nossa forma de intervenção não é para uma banda, faixa ou limite. É mais para lacunas supra de liquidez. Às vezes, entendemos que existe uma precificação relativa que é disfuncional e essa disfuncionalidade acaba contaminando outros mercados. "

De acordo com ele, o aumento da volatilidade do câmbio nas últimas semanas tem uma maior liquidez da comparação real com moedas de outros países emergentes. "Ou seja: os investidores usam hedge quando há algum tipo de problema. Eles tiveram uma entrada e saída nesse sentido. A pessoa que viu parte da volatilidade recente foi gerada por notícias externas", disse.

"O BC olha essa alta volatilidade. Obviamente, uma moeda que tem alta volatilidade acaba tendo consequências operacionais, principalmente no setor real, então estamos vendo isso", afirmou.

<https://outline.com/g4Cgkf>

CÓPIA DE

 Anotações ·  Relatar um problema

O Outline é um serviço gratuito para ler e anotar artigos de notícias. Removemos a desordem para que você possa analisar e comentar o conteúdo. No clima atual de desinformação generalizada, o Outline permite que os leitores verifiquem os fatos.

[HOME](#) · [TERMOS](#) · [PRIVACIDADE](#) · [DMCA](#) · [CONTATO](#)